

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

FEBRE



EXPOSIÇÃO EXHIBITION

A exposição *Febre* é organizada pela Fundação de Serralves, com conceito de António Júlio Duarte e Paula Fernandes.

The exhibition *Febre* was organised by the Serralves Foundation, with concept by António Júlio Duarte and Paula Fernandes.

QUE COMOÇÃO? QUE EMOÇÃO! O PODER DE UMA OLYMPUS MJU II POINT & SHOOT¹

António Júlio Duarte (Lisboa, 1965) estudou fotografia no AR.CO (Centro de Arte & Comunicação Visual) em Lisboa e foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian no Royal College of Art (1991) em Londres. A fotografia documental, a fotografia de rua e o fotojornalismo confundiam-se nessa época e a fotografia ainda não era considerada uma disciplina artística autónoma. António Júlio Duarte virá a integrar a geração de fotógrafos com a qual a disciplina ascende ao patamar de trabalho artístico. Os fotógrafos deixam de ser meros repórteres da realidade e passam a poder ser artistas que usam o meio fotográfico. A fotografia de autor, o autor-artista-fotógrafo, “todo um léxico referente ao trabalho fotográfico tornaram-se a ‘minha vida’.”²

A produção artística de António Júlio ganha consistência e profundidade a partir dos anos 1990, década prolífera para o panorama artístico português, em que cerca de uma centena de artistas escolhem a fotografia como meio de expressão. Pouco depois, o território nacional deixa de ser o pano de fundo para a sua câmara e inicia nesta década um périplo pelo mundo. Durante esta deambulação realiza uma quantidade incalculável de imagens e a sua lente dá-nos a conhecer fragmentos de algumas realidades, longínquas ou não. De Macau a Girona, de Londres a Coimbra, de Xangai a Matosinhos. Deixando de lado

cronologias e pensando nesses percursos de uma forma mais romantizada, podemos intuir o fotógrafo a absorver cada canto deste mundo e a registar as suas mais inusitadas imagens e mais exóticos momentos. De Norte a Sul e de Ocidente a Oriente, a fotografia tem um carácter universal, reconhecível, e não conhece fronteiras.

A preto e branco no início e depois a cores, o meio fotográfico é o suporte artístico da imagem como recorte de um momento concreto e absoluto da realidade, cujo conteúdo é a soma de todos os elementos, acrescentado o eu do artista. A imagem adquire então uma dimensão antropológica e o seu autor destaca-se e fica no centro da imagem.

Os recortes desta realidade explorada por António Júlio Duarte são partilhados pelos OUTROS, não apenas no formato habitual das exposições, mas também através de publicações. Nos livros do artista, a seleção exímia de imagens, o formato das publicações, a escolha do papel de impressão, da capa e da contracapa permitem-nos apreender com alguma acuidade o seu *modus operandi*. António Júlio confunde-se com o seu trabalho, é discreto, é subtil, mas acutilante e assertivo, construindo nos seus projetos imagens de uma profundidade primordial e primitiva, que nos conduzem acidentalmente ao *pathos* no sentido primeiro do termo grego: “que conduz à emoção”.

Intensas e hiperbólicas, as imagens são referências de locais únicos que o artista escolhe, uma espécie de *tableaux vivants* que o servem e alimentam, transformando-se também no seu campo de pesquisa.

¹ O título deste texto foi inspirado no ensaio *Que Emoção! Que Emoção?* de Georges Didi-Huberman.

² Em entrevista realizada ao artista pela RTP, programa “Entre imagens” de 03/03/2014 (<https://www.youtube.com/watch?v=NoVAm6gNoDs>).

Esta primeira exposição de António Júlio Duarte em Serralves reúne uma série de trabalhos realizados entre 2019 e 2022, em plena pandemia. Neles o artista troca o seu território de eleição – as ruas das cidades dos países que visita – pelos quartos da casa onde habita ou pelo exterior imediatamente próximo e visível. Em 2019 ofereceram-lhe uma máquina fotográfica Olympus Mju II Point & Shoot. Para quem não está familiarizado, estas câmaras eram geralmente usadas pelas famílias para fazer fotografias com facilidade e alguma qualidade, por exemplo, nas férias, tendo caído em desuso ao serem substituídas pelo uso massivo do telemóvel para esse fim. António Júlio gostou da proximidade aos objetos fotografados que esta Olympus permitia por ser uma câmara pequena e portátil que fotografa a distâncias curtas. A câmara tornou-se assim um acessório de proximidade, que permitia de forma perfeita o enquadramento delimitado do território fotografado, o “lado apontador da fotografia”³ que nos indica o real de forma pura e lúcida.

O mais extraordinário é que, a maior parte das vezes, o artista não usa o visor para enquadrar o objeto fotografado, aponta e dispara. O que significa que esta imagem é uma imagem mental construída e criada através das células fotossensíveis da retina que informam o cérebro. Muitas vezes as imagens mentais não correspondem à realidade depois revelada, e este lado enganador e surpreendente é acolhido pelo artista como parte integrante do processo de trabalho.

O recorte que António Júlio Duarte

captava ao deambular entre continentes, em diferentes geografias, está agora delimitado a uma geografia de proximidade. As ruas dão lugar aos corredores da casa, os locais exteriores revelados pela sua lente, habitualmente de médio formato, deslocam-se para os cantos e recantos domésticos. Durante este período, o artista fez centenas de imagens e algumas dezenas de filmes com a Olympus. Alguns destes trabalhos foram revelados em casa, através dos processos tradicionais de revelação fotográfica, outros permanecem até hoje por revelar.

O que mudou nesta série em relação ao passado? A técnica, o contexto e o formato. O formato quadrado da imagem passa a ser retangular. A imagem captada é aquela que o artista preestabelece na sua mente, sem que o seu enquadramento seja necessariamente feito através da objetiva da câmara. No entanto, algo permanece: o acaso que alimentava as suas imagens anteriores também alimenta as atuais, mas de forma diferente; a urgência com que trabalhava quando tinha que se deslocar para fora do país é a mesma, mas dá agora lugar a uma continuidade de imagens sem um propósito aparente, uma espécie de letargia febril e inconsistente. O objeto fotografado não se destaca, o olhar educado do fotógrafo recorta os objetos do quotidiano, foca a banalidade não referenciada e fotografa.

Há agora uma distância entre o registo e a revelação da imagem. A mesma distância instituída pelo espaço temporal da construção das imagens mentais, tão bem explicada por Hans Belting quando nos faz refletir sobre a distinção entre a aparência e o ser, a condição da imagem

³ Expressão usada por Roland Barthes in *La chambre claire : Note sur la photographie*, Paris: Seuil, 1980.

como presença de uma ausência, e a sua dimensão antropológica e complexa⁴.

Esta análise tripartida é intuída na obra de António Júlio ao colocar o observador no centro da equação. E recorrendo de novo a Belting, se a emoção do operador pertence ao artista no tempo da captura do alvo ou objeto através do orifício da câmara fotográfica, a validade do *spectrum*⁵ tem apenas existência no momento da captura. Na dicotomia entre o sujeito olhado e o sujeito que olha, conseguiremos nós suportar a realidade que o artista nos pretende transmitir sobre as coisas fundamentais que cada vez mais o seu trabalho reflete?

Esta comoção, revelada através de emoções, é provocada pelas imagens que vemos, capazes de ativar uma reação física. Uma imagem é um repositório de símbolos, um arquivo de significados apreendidos pelo sujeito, ativados pela visão, que conduz ao saber. Mas este saber é um conhecimento ilusório e perecível, direi mesmo transitório.

FEBRE é o título dado pelo artista a esta exposição. Sabemos que os nomes dados às séries fotográficas não são casuais, têm mesmo uma importância fundadora, constituindo muitas vezes o ponto de partida para a sua criação.

As imagens são inéditas e trabalhadas para esta apresentação, que de um estado febril são transportadas para uma consciência presente de um passado eminente. A ideia de estado febril agrada-me muito, pois o efeito

que provoca no corpo humano assemelha-se a um estado de semiconsciência em que a realidade se confunde com ficção, o *spectrum* anteriormente referido ganha um contorno plausível e perceptível.

Na Galeria Contemporânea do Museu apresentam-se 50 fotografias de formatos iguais (40 x 60 cm) e na Capela da Casa de Serralves uma impressão sobre tecido de grande formato (360 x 240 cm) da obra *Queimado*, 2017. A instalação desta tela na Capela da Casa tira partido do espaço em que é apresentada e da duplicidade constituída pela transparência do tecido. *Queimado* é uma fotografia feita durante a rodagem do filme *Mariphasa*, de Sandro Aguilar, em que António Júlio participou como ator, e simultaneamente um autorretrato que complementa o discurso construído na apresentação do museu.

Se o artista trabalha com a energia dos locais que fotografa, *FEBRE* reflete uma natureza estranha, ao mesmo tempo realista mas com laivos de sobrenatural, de excesso, composta de sombras, de luz, de forma e de cores. A vida transforma-se em febre ardente quando o trabalho é intenso ou, justamente, febril.

⁴Hans Belting, in *A antropologia da imagem*, Lisboa: KKYM, 2014.

⁵Espectro é uma condição que não se limita a um conjunto específico de valores, antes pode variar infinitamente dentro de um continuum.



WHAT COMMOTION? WHAT EMOTION! THE POWER OF AN OLYMPUS MJU-II POINT & SHOOT CAMERA¹

António Júlio Duarte (Lisbon, 1965) studied photography at AR.CO (Centro de Arte & Comunicação Visual) in Lisbon. After his graduation he received a scholarship from the Calouste Gulbenkian Foundation to study at the Royal College of Art (1991) in London. Back then, documentary photography, street photography and photojournalism were viewed as a combined field. Photography was not yet considered to be an autonomous artistic discipline. Duarte became part of the generation of photographers who helped elevate the discipline to an art form and photographers ceased to be viewed as mere reporters of reality and were instead considered to be artists using the photographic medium. Auteur photography, the author-artist-photographer, “an entire lexicon referring to photographic work became ‘my life’.”²

His artistic production gained consistency and depth from the 1990s onwards. The 1990s was a prolific decade for the Portuguese artistic panorama, in which around 100 artists chose photography as a means of expression. The national territory soon ceased to be the backdrop for Duarte’s camera as he began to journey around the world. During his travels he took an incalculable number of images. His lens offers us fragments

of multiple realities, some distant, others close at hand: from Macao to Girona, from London to Coimbra, from Shanghai to Matosinhos. Setting aside the timelines and thinking about these journeys in a more romanticised manner, we can sense that the photographer progressively absorbed every corner of this world and recorded its most unusual images and most exotic moments. From North to South and West to East, his photography has a universal, recognisable character and knows no borders.

Black and white at first and then in colour, the photographic medium is the artistic support of the image as a delimited frame of a concrete and absolute moment of reality, whose content is the sum of all the elements, complemented by the artist’s own identity. The image thereby acquires an anthropological dimension and its author stands out and stands at the centre of the image.

The snapshots of this reality, explored by António Júlio Duarte, have been shared by OTHERS, not only in the usual format of exhibitions, but also through publications. The exquisite selection of images in the artist’s books, the format of the publications, the choice of printing paper, the cover and the back cover, all these elements allow us to grasp his *modus operandi* with a certain degree of acuity. Duarte blends with his oeuvre. He is subtle and discreet, but sharp and assertive. In his projects he builds images of a primordial and primitive depth, which accidentally lead us to *pathos* in the primary meaning of the Greek term, ‘leading to emotion’. Intense and hyperbolic, his images are references to the unique places chosen by the artist, a kind of *tableaux vivants* that

¹ The title of this text was inspired by Georges Didi-Huberman’s essay *Such emotion! What emotion?*

² In an interview conducted to the artist by RTP, programme “Entre imagens”, 3 March 2014 (<https://www.youtube.com/watch?v=NoVAM6gNoDs>).

serve and inspire him, and have become his principal field of research.

António Júlio Duarte's first exhibition in Serralves brings together a series of works made between 2019 and 2022, in the middle of the pandemic, in which he exchanges his preferred territory – the streets of the cities in the countries that he visits – for the rooms of his house or its immediate vicinity. In 2019 he was offered an Olympus Mju-II Point & Shoot camera. For those unfamiliar with this model, these cameras were generally used by families to take photographs with ease and some quality, for example, while on holiday. They then fell into disuse, replaced by widespread use of mobile phones for this purpose.

Duarte liked the proximity to the photographed objects that this Olympus camera permitted because it is a small, portable camera that can take photographs at short distances. The camera became an accessory which facilitates proximity, making it possible to define the delimited area of the photographed territory, the 'pointing side of photography'³ that indicates reality to us, in a pure and lucid manner.

The most extraordinary thing is that, most of the time, the artist does not use the viewfinder to frame the photographed object. He simply points and shoots. This means that this image is a mental image constructed and created through the photosensitive cells of the retina that provide information to the brain. The mental images often do not correspond to reality, after it is revealed. The artist embraces this misleading and surprising

dimension as an integral part of his working process.

The delimited perspective that Duarte captured when he travelled between continents, in different geographies, is now constrained within a geography of proximity. The streets are replaced by the corridors of his house, the outdoor zones revealed by his lens, usually medium format, migrate to the nooks and crannies of his domestic universe. During this period, he took hundreds of images and dozens of films with his Olympus camera. He developed some of these works at home, using traditional photographic development processes, while others remain undeveloped even today.

What has changed in this series, compared to his previous work? The technique, the context and the format. Instead of a square format his images now have a rectangular format. The captured image is that which the artist pre-establishes in his mind, without framing necessarily being achieved through the camera lens. In the meantime, something remains: the random occurrence that inspired his previous images once again motivates his new images, but in a different manner. There is the same level of urgency that he harboured when travelling abroad, but it now engenders a continuity of images without any apparent purpose, a kind of feverish and inconsistent lethargy. The photographed object does not stand out, the photographer's educated gaze delimits everyday objects. He focuses on unreferenced banality and photographs it. There is now a distance between the recording and revelation of the image. The same distance is forged by the temporal space of the construction of mental

³ Expression used by Roland Barthes in *Camera Lucida: Reflections on Photography*, New York: Hill and Wang, 1981.

images, that is so incisively explained by Hans Belting when he makes us reflect on the distinction between appearance and being, the condition of the image as the presence of an absence, and its anthropological and complex dimension.⁴

This tripartite analysis can be sensed in Duarte's work, by placing the observer at the heart of the equation. Once again referring to Belting, if the emotion of the operator belongs to the artist at the time when he or she records the target or object through the camera pinhole, the validity of the *spectrum*⁵ only exists at the moment of recording. In the dichotomy between the subject that is observed and the subject that observes, will we be able to support the reality that the artist intends to transmit to us, about the fundamental things that an increasing proportion of his work reflects?

This commotion, revealed through *emotion*, is provoked by the images we see, that can activate a physical reaction. An image is a repository of symbols, an archive of meanings apprehended by the subject, activated by vision, which leads to knowledge. But this knowledge is an illusory and perishable knowledge, which I would even describe as transitory.

FEVER is the title that the artist has given to this exhibition. We know that the names given to photographic series are not random, they even have a foundational importance, and often constitute the starting point for their creation.

These images have never previously been published and have been adapted for this presentation. From a feverish state they are transported to a present consciousness of an eminent past. I like the idea of a feverish state, because the effect it causes in the human body resembles a state of semi-consciousness, in which reality becomes blurred with fiction. The aforementioned *spectrum* takes on a plausible and perceptible outline.

Fifty photographs, all with the same format (40 x 60 cm) are presented in the Museum's Contemporary Gallery. A large format print on fabric (360 x 240 cm) of the work *Queimado* [Burnt], 2017, is presented in the Chapel of the Serralves Villa. The installation of this canvas in the Chapel takes advantage of the space in which it is presented and of the duplicity constituted by the transparency of the fabric. *Queimado* is a photograph that was taken during the shooting of Sandro Aguilar's film *Mariphasa*, in which Duarte participated as an actor, and is simultaneously a self-portrait that complements the discourse constructed in the Museum's presentation.

If the artist works with the energy of the places that he photographs, *FEVER* reflects a strange nature, which is both realistic and also has hints of the supernatural, of excess, composed of shadows, light, form and colours. Life becomes a burning fever when the work is intense or, to be more precise, is *feverish*.

⁴Hans Belting, in *The Anthropology of the Image*, Princeton, NJ: Princeton University Press, 2014.

⁵Spectrum is a condition that is not limited to a specific set of values, but can vary infinitely within a continuum.

VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias. Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h - 13h e 14h30 - 17h)

Minimum two-week advance booking is required.
For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 am - 1 pm and 2:30 pm - 5 pm)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt
Tel. (linha direta direct line): 226 156 500
Tel: 226 156 546

Chamadas para a rede fixa nacional. Calls to the national landline network.
Marcações online em Online booking at www.serralves.pt

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

loja.online@serralves.pt
www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após à visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.

restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

INFORMAÇÕES E HORÁRIOS: INFORMATIONS AND OPENING HOURS:

www.serralves.pt/visitar-serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto - Portugal

serralves@serralves.pt

Linha geral General lines:

(+351) 808 200 543

(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede fixa nacional.

Calls to the national landline network.

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Apoio Institucional
Institutional Support

Mecenas do Museu
Museum Sponsor

Mecenas da Exposição
Exhibition supported by

